FRONTEIRAS
REVISTA DE HISTÓRIA

OPEN ACCESS

PPGH | UFGD
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

UFGD editora

DOI: 10.30612/frv.v25i45.19417

Povos indígenas em movimentos de luta e resistência aos colonialismos

Organização

Paula Faustino Sampaio
Doutora em História pela Universidade Federal da Grande Dourados
Professora dos Cursos de Licenciatura e de Bacharelado em História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Grande Dourados (PPGH/UFGD)
Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil
paulasampaio@ufgd.edu.br
https://orcid.org/0000-0002-3993-5060

Rosani de Fatima Fernandes - Kaingang
Doutora em Antropologia pela Universidade Federal do Pará
Professora de Educação das Relações Étnico-Raciais na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FACED/UFRGS)
rosani.fernandes@ufrgs.br
https://orcid.org/0000-0003-4735-9996

APRESENTAÇÃO

Quando publicamos a chamada aos(às) autores(as), nosso objetivo era conhecer estudos interdisciplinares e/ou disciplinares que ampliassem a compreensão das trajetórias dos povos indígenas nas resistências aos colonialismos e nas lutas pela vida nos territórios. Hoje, ao publicarmos o dossiê *Povos indígenas em movimentos de luta e resistência aos colonialismos*, entregamos ao público artigos oriundos dos esforços de vários(as) autores(as) que atuam na elaboração da historicidade das ações dos povos indígenas nos contextos de injustiças colonialistas. São artigos que, ao focalizar seja o passado distante, seja o tempo presente, ou a relação entre esses tempos, narram as histórias dos povos indígenas combatendo, de longa data, as injustiças colonialistas.

Assim, no artigo "Ambientecídio": velha fórmula de genocídio, as autoras Jane Felipe Beltrão e Tallyta Suenny Araújo da Silva, e autor Rhuan Carlos dos Santos Lopes discutem com acuidade o Decreto nº 10.935, de 12 de janeiro de 2022, que dispõe sobre a proteção das cavidades naturais subterrâneas (grutas e cavernas) existentes no Brasil, e asseveram que tal documento tratar-se de violência contra as vidas dos povos tradicionais. As(os) autores(as) mostram, em uma análise instigante, como os povos indígenas e quilombolas, em especial, se mantêm em luta por suas memórias, histórias e direitos.

No artigo *Indígenas, mulheres e patriarcado: desde muito antes de Cabral? Traçando uma genealogia*, as autoras Verônica Araújo Mendes e Michelle Reis de Macedo analisam o período pré-invasão e utilizam fontes iconográficas e arqueológicas, demonstrando criatividade e potência reflexiva ao revisitar o conceito de patriarcado e indagar sobre as potencialidades teóricas desse conceito para pensar as trajetórias das indígenas no Brasil.

O autor Rafael dos Santos Barros, no artigo *Projetos e anti-projetos de colonização no sertão da Capitania dos Ilhéus: indígenas, colonos e a expansão da fronteira*

colonial, ao historizar o avanço da colonização portuguesa no século XVIII na Capitania dos Ilhéus, revela as ações tomadas pelos povos indígenas, que indicam seus projetos políticos frente ao projeto colonialista.

A atuação destemida dos povos indígenas é abordada novamente no artigo *Resistências indígenas à cosmovisão colonialista: políticas indígenas e o Diretório dos Índios em Goiás*, no qual a autora Patrícia Emanuelle Nascimento tece críticas às abordagens científicas e suas opacidades, que reforçam discursos e práticas racistas e analisa as políticas indigenistas, destacando as políticas indígenas que fizeram frente ao colonialismo e ressaltando a importância de contarmos a história de resistência dos povos indígenas.

No artigo *Narrativas de Guerra no Contestado Franco-amapaense: diáspora cearense e genocídio aruaque no último quartel do século XIX*, os autores Ramiro Esdras Carneiro Batista e Daniel da Silva Miranda apresentam e analisam relatos etnográficos e históricos sobre os eventos de violência no contato entre o povo Palikur Arukwayene e os "brancos" na região do Oiapoque, no final do século XIX e início do século XX, em uma história que evidencia a complexidade das interações no contexto da colonização da porção setentrional da Amazônia brasileira.

As autoras Concita Guaxipiguara Sompré e Elizabeth Garcia Mantilla e o autor Hiran de Moura Possas, no artigo intitulado *Caminhos dos Axun no Território Gavião: Memórias em deslocamentos*, desvelam os danos que vêm sendo causados ao povo Gavião pelos Axun. Em uma narrativa contra hegemônica, afirmam a potência da política da vida no/do território do povo Gavião por meio das categorias de análise do pensamento de Krôhôkrenhũm.

Os autores Raine Clavisso Pereira, Marcos Clair Bovo e Fred Maciel, ao relacionarem passado e presente quanto às malezas das invasões coloniais nos territórios Kaingang e Guarani, no artigo *A(s) identidade(s) dos povos indígenas em diferentes espaços: análise de transformações histórico-sociais*, fazem um balanço bibliográfico que indica os debates sobre a categoria identidade(s) dos povos

indígenas nos estudos realizados no Estado do Paraná, em especial nos contextos urbanos, sendo um tema relevante para os povos indígenas e organizações políticas representativas.

No artigo *Análise crítica dos sentidos de 'verdade' sobre os povos indígenas no Relatório Final da Comissão Nacional da Verdade [CVN]*, o autor Carlos Eduardo da Silva Colins apresenta o conceito de verdade sobre o sujeito indígena advindo das práticas discursivas de um documento histórico, o Relatório da CVN, e discute a intencionalidade da política de reparação pelos danos causados aos povos indígenas pela ditadura militar brasileira e seus silêncios em relação a esses povos.

Considerando que as formas de dominação e de exploração dos povos indígenas se reificam, no artigo *Caminhos para a educação das relações étnico-raciais desde a sala de aula: história e cultura indígena no Ensino Médio*, os(as) autores(as) Amália Cardona Leites e Carlos Eduardo Bartel narram e analisam o trabalho de combate ao racismo realizado em uma instituição escolar, sinalizando a urgência do aprofundamento das práticas problematizadoras acerca da violência racial contra os povos indígenas nas escolas.

Conquanto a relevância e potência das discussões presentes neste dossiê, muitas perguntas sobre as ações dos povos indígenas demandam o trabalho de estudiosos(as) comprometidos(as) em desvelar e desmantelar as estruturas dos colonialismos, historicizando como os coletivos raciais e etnicamente diferenciados permanecem enfrentando, em diversos contextos sociais e históricos, as violências. Deste modo, ainda precisamos conhecer tanto as relações de poder pretéritas e vigentes quanto descrever os meios de ir além do jogo de poder capitalista. Para tanto, é fundamental conhecer os povos indígenas em movimentos de luta e resistência aos colonialismos. Assim, o presente dossiê é também um convite a aprender, a conhecer e a partilhar os caminhos dos povos indígenas em defesa da vida em abundância e plenitude.